



Lendo crônicas do período JK

Vanise Gomes de Medeiros **1**

Resumo: Com este artigo pretende-se promover uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da crônica jornalística. Parte-se da dificuldade de localização e identificação das crônicas jornalísticas nos jornais dos anos 50 e faz-se um levantamento dos obstáculos que se apresentam para a sua leitura por um leitor atual, para pensar a crônica como objeto histórico.

Palavras-chave: crônicas; período JK; leitura

Abstract: This paper is meant to promote a reflection about the discursive functioning of the newspaper chronicle. Because of the difficulty due to localization and identification of the newspaper chronicle from the newspapers published in the 50's we enlist the obstacles that are found when a current reader in our times tries to read it. Chronicle is here thought of as a historical object.

Key-words: chronicle; JK period; reading

1 Introdução

“(...) o objeto na AD é um objeto sócio-histórico.”
Orlandi, 2001

Neste artigo **2** apresento uma reflexão sobre a leitura de crônicas jornalísticas em dois importantes jornais do período JK, a saber, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Cumpre dizer que tomo como suporte teórico a análise de discurso, conforme Pêcheux e Orlandi.

2 Lendo as crônicas jornalísticas literárias do período JK

“Isto é uma crônica: algo leve e jocoso.”
Ferreira Gullar, JB, 5/6/57

1 Professora da UERJ e da Puc-Rio.

2 Este artigo, produto da pesquisa que empreendi para formulação do *corpus* de minha tese de doutoramento intitulada “Dizer a si através do outro: do heterogêneo no identitário brasileiro”, foi apresentado no Congresso da ABRALIN, em março de 2003.

3

A primeira citação de Ferreira Gullar foi retirada de sua crônica publicada na coluna *Rodízio* (coluna em que vários jornalistas e escritores se alternavam sem regularidade de dia). A segunda, também de Ferreira Gullar, aparece na crônica que marca sua posição como cronista em um novo espaço: no alto da página, ao lado de Manuel Bandeira. Espaço agora fixo e regular: há dias específicos na semana para se ler sua crônica.

“Dizem que agora a crônica é um gênero seríssimo e isso me amedronta.”
Ferreira Gullar, JB, 05/03/59 3

Ler jornais de quase 50 anos atrás em busca de crônicas jornalísticas literárias e de seus cronistas pode levar um leitor que desconheça as categorias de leitura de crônicas em jornais dos anos 50 a ter dificuldades em localizá-las. Irei expor alguns dos obstáculos, visando contribuir para uma discussão sobre leitura. Pretendo mostrar, outrossim, como as dificuldades observadas serviram como pistas do funcionamento discursivo da crônica.

Uma das primeiras dificuldades advém do fato de, por um lado, o termo crônica encabeçar diferentes textualidades e, por outro lado, de o termo não ser, *grosso modo*, título de coluna de crônica literária.

Por exemplo, no *Jornal do Brasil*, em uma coluna diária sobre música, assinada por Renzo Massarani, apresentado como crítico musical, por vezes encabeça-lhe o título de *Crônicas*, outras vezes, tem-se *Teclado* (sendo este é bem mais usual que aquele). Aí encontram-se, indiferentemente do título, cartas – algumas dos próprios leitores –, informes curtos sobre eventos culturais a ocorrer naquele dia na cidade ou no mundo e crítica de acontecimentos do mundo musical.

Um outro exemplo: no *Correio da Manhã* há uma coluna diária no quinto caderno, denominada *Crônica Científica*, em que Floriano de Lemos comenta desde problemas de saúde (o que é mais freqüente) a problemas com a língua portuguesa, muitas vezes em resposta a cartas de leitores, também apresentadas em fragmentos.

É também comum a palavra crônica ser título de coluna em que se tem informes de acontecimentos fora do país. Por exemplo, no *Jornal do Brasil*, encontra-se por vezes uma coluna chamada de “Crônicas de Nova Iorque”.

Embora não tão corrente, no *Jornal do Brasil*, aparece uma coluna cujo título é “Crônicas de São Paulo” ou “Crônicas de Minas”, em que se tem uma narrativa de algum momento da história da cidade em questão ou então notícias da cidade em foco.

Por fim, tem-se colunas de crônicas esportivas e de crônicas sociais. Esta última em geral é denominada como notícias sociais; no entanto, por vezes, o termo crônica lá se mostra.

Em suma, no que se refere ao termo crônica, este aparece, nos jornais do período destacado, significando: notícias do mundo; eventos culturais; informes sobre saúde ou língua; conversas com o público no sentido de resolver dúvidas ou problemas; narrativas históricas; notícias e/ou comentários esportivos; notícias sociais.

Desta lista não faz parte, contudo, o tecido textual do cronista literário.

No caso do *Jornal do Brasil*, por exemplo, na capa, repleta de anúncios 4, há um pequeno sumário que separa “Tópicos” de “Artigos”. Como tópicos, encontram-se dois ou três títulos que remetem para um noticiário (nacional ou internacional); como “artigos”, dois ou três títulos que remetem para textos de Manuel Bandeira, Hélio Pellegrino, Josué Montello ou Ferreira Gullar, por exemplo. Ou seja, com “tópicos” e “artigos” separam-se, no *Jornal do Brasil*, notícias e reportagens de textos assinados.

No caso do *Correio da Manhã*, para dar outro exemplo, a coluna de Carlos Drummond de Andrade tampouco recebe o nome de crônica.

É interessante observar em relação ao termo “crônica” que, se este não encabeça, *grosso modo*, o texto da crônica literária e sim outras textualidades, há, no entanto, uma extensa referência e reverência ao material de escritores e de jornalistas como se tratando de crônica e a seus autores

4

A primeira página do JB vinha desde 1956 apresentando anúncios e um pequeno sumário, como exposto. Em junho de 1957 começa uma mudança da diagramação do JB na primeira página. Esta deixa de ser dedicada a anúncios e passa a apresentar fotos, manchetes e pequenas reportagens. Em agosto é a página do editorial que sofre alterações, mas as crônicas continuam lá. Um parêntese: estas transformações, que podem ser observadas no jornal, decorrem de uma mudança maior iniciada em 1956 e concluída em 1959 (Sodré, 1999:395).

como sendo cronistas, o que não acontece comumente nos outros textos anteriormente referidos com seus autores. Isto é, internamente, no corpo dos inúmeros e diferentes textos jornalísticos, refere-se ao material cronístico literário como crônica e aos seus cronistas como tais. Importa observar que o próprio cronista também se auto-denomina como tal e isto não ocorre nos outros lugares apontados.

Ou seja, à ausência de denominação “crônica” titulando ou indicando a coluna corresponde um intenso processo de demarcação de uma formação discursiva que viria a ser considerada como um gênero literário. E o inverso também se observa nos espaços que apresentam o título de crônica.

Mais adiante essas questões em relação ao termo crônica serão retomadas, por ora, interessa registrar mais alguns dos possíveis tropeços para um leitor atual.

Uma outra ordem de dificuldade diz respeito à localização da crônica.

Por exemplo, Fernando Sabino, que começa a escrever no *Jornal do Brasil* em 1958, não tem no início página ou coluna fixas. Apenas depois de um certo período este autor passa a ter sua crônica publicada diariamente na página 7, isto é, em uma página em que não se encontra o editorial. Esta localização consiste em uma exceção em termos de espaço; em geral, as crônicas do período JK ocupam a mesma página do editorial **5**, o que funciona como Indicador do lugar de prestígio que a crônica possuía à época.

Há também a dificuldade decorrente da pluralidade de tecidos textuais em uma mesma coluna e sob um mesmo rótulo.

Por exemplo, ainda no *Jornal do Brasil*, encontra-se, na mesma página do editorial, uma coluna, denominada *Rodízio*. Esta coluna, cuja existência é anterior ao período JK, portanto anterior a 1956, e cujo término ocorre em 1958, quando é promovida uma mudança na página do editorial, situa-se no final da página e nela aparecem, entre outros, Ferreira Gullar, Hélio Pellegrino, Luiz Lobo, José Carlos Oliveira, Luiz Garcia. No entanto, nem todos que aí escrevem assumem-se ou são indicados como cronistas, tampouco apontam para seu texto como crônica. Por exemplo, com Luiz Lobo, tem-se contos **6** e a referência que muitas vezes ele se faz, bem como a que outros lhe fazem, é a de contista ou escritor. Ou seja, em um mesmo espaço e sob um mesmo rótulo (*Rodízio*) encontram-se, então, diferentes textualidades, sendo a crônica uma delas.

A nomeação do cronista é outro fator de dificuldade.

Por exemplo, é também comum o leitor se deparar com iniciais ou pseudônimos no lugar de uma assinatura. Isto por vezes não impede a identificação, como é o caso de C.D.A. (Carlos Drummond de Andrade) no *Correio da Manhã*; mas, por vezes sim, como é o caso de *All Right* no mesmo jornal, ou de O.C.F. no *Jornal do Brasil*. Portanto, uma outra observação interessante ao discurso cronístico: o ocultamento do nome **7**.

Por fim, a possibilidade de se ter um mesmo autor assumindo mais de uma posição discursiva, isto é, o fato de um mesmo escritor ou jornalista poder aparecer em mais de um lugar em um mesmo jornal assumindo posições discursivas diferentes – isto sem falar na circulação, deveras comum, dos escritores em diferentes jornais e em diferentes posições discursivas – também configura uma outra dificuldade ao leitor atual.

Por exemplo, no *Jornal do Brasil*, Ferreira Gullar assina uma coluna, na página do editorial, como cronista (várias vezes afirmou ter tal função e também foi apontado e elogiado por outros como cronista) e outra coluna, intitulada “Artes Visuais”, em outra página do mesmo jornal, na posição de crítico de arte. Gullar também assume a posição de crítico de arte em outro

5

Isto se verifica nos jornais aqui privilegiados – *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* –, bem como em diversos outros. É raro não se ter na página do editorial um cronista.

6

Continho sem importância, de 1/3/1957, de Luiz Lobo, é um exemplo.

7

Neste artigo não será abordado, no entanto, a questão do ocultamento do nome.

8

Apesar de haver um número significativo de cronistas que se tornaram conhecidos por tal prática, há inúmeros outros sem tanto reconhecimento.

jornal, no caso o *Diário de Notícias*, com a coluna “Artes Plásticas”. E, por vezes, ele, assim como Sabino, ou Carlos Drummond de Andrade escrevem em vários suplementos literários de outros jornais, seja na posição de poeta (ou escritor) publicando um poema ou parte de romance, seja na posição de crítico, resenhando a obra de algum colega.

Sintetizando, são, pois, dificuldades que dizem respeito a:

- a) a não familiaridade com a tensão do termo crônica no período privilegiado;
- b) a não familiaridade com os jornais da época e com isto a dificuldade de saber em tal ou qual página se encontra uma crônica;
- c) a não familiaridade com o universo dos cronistas da ocasião **8**;
- d) a não familiaridade com as iniciais e os pseudônimos de alguns cronistas;
- e) ao fato de um mesmo escritor/jornalista escrever em diferentes posições tanto em um mesmo jornal quanto em jornais diferentes.

São, pois, dificuldades que decorrem das condições de produção de leitura. Por exemplo:

No caso (a), a dificuldade se deve à flutuação do termo crônica enquanto construção discursiva de um referente.

No caso (b) e (c), as dificuldades advêm da relação entre leitor real – o que aqui significa um leitor tanto em posição de leitor atual de crônicas jornalísticas quanto de um posição de leitor crítico (leitor analista de discurso) – e leitor virtual das crônicas jornalísticas do período JK, isto é, do leitor aí inscrito.

No caso (d) e (e), entram em cena dificuldades oriundas da própria historicidade da crônica.

Um parêntese: estas distinções das dificuldades são de base operatória já que em todas elas jogam a questão do leitor e do texto.

Explicando o que foi dito, no quadro teórico da AD, a leitura, na medida em que é produção de sentido, também tem suas condições de produção, da qual fazem parte, para citar as que mais interessam no momento: a relação entre leitor e texto e as histórias de um texto (no caso aqui a história da textualização da crônica).

No que tange à relação entre texto e leitor, é preciso sublinhar que em Análise de Discurso esta relação não é direta, mas mediada por formações imaginárias, daí a noção de leitor virtual. Cito Orlandi:

“Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos “formações imaginárias” em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um “cúmplice” quanto um seu “adversário”.

Assim, quando o leitor real, aquele que lê o texto, se apropria do mesmo, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente.” (Orlandi, 1988:9)

O leitor real, portanto, não interage diretamente com o texto; o que significa que a leitura e, no caso, a compreensão de um texto, não se restringe a decodificação da informação que aí porventura residisse. Ler é, conforme os inúmeros artigos e livros de Orlandi que tratam da questão, produto de uma prática histórica: social e ideológica. E tanto o leitor real quanto o leitor virtual estão inscritos em formações discursivas. Disto resulta a possibilidade, a dificuldade bem como a facilidade da leitura.

Refletindo sobre o caso da crônica nos anos 50, o que se pode dizer é que há um leitor aí inscrito em uma prática discursiva na qual está em

jogo a própria textualização do objeto crônica. É com isto que o leitor real tem de se relacionar e não com um texto auto-significativo. Daí as dificuldades antes apontadas.

No que tange à história da textualização da crônica, esta diz respeito ao percurso da mesma como um espaço de produção de sentido que foi se institucionalizando no jornal como um gênero discursivo específico. São necessárias duas palavras sobre texto.

Se texto em Análise de Discurso é tomado pragmaticamente como uma unidade acabada – “constitui uma totalidade com começo, meio e fim” (Orlandi, 1987:195), isto não implica que se o considere, contudo, como um produto completo. É preciso explicar.

O texto em Análise de Discurso é pensado na sua dimensão discursiva, isto é, em que jogam as condições de produção de sentido: os interlocutores, a situação, os implícitos, as intertextualidades, as histórias do texto e do leitor, os modos de leitura, a época em que é lido e/ou escrito, entre outros fatores. Isto significa que o sentido não está nem no texto nem no leitor, mas na relação entre os dois. Relação, como já dito, atravessada pelas formações imaginárias. Daí a incompletude do tecido textual.

Em outras palavras, trata-se de diferenciar o texto enquanto objeto empírico – aí se o toma como acabado – de texto enquanto objeto teórico: incompleto, porque “bólide de sentidos” (Orlandi, 1996:14).

Retornando à leitura das crônicas do período JK, o que me interessa destacar em relação às dificuldades encontradas em relação à crônica e aos cronistas é que a crônica, mesmo enquanto tecido textual empírico, é sobretudo uma construção histórica. Daí as possíveis dificuldades para um leitor, com as categorias do que se entende hoje por crônica, ao se debruçar sobre a malha discursiva das crônicas nos jornais de 50 anos atrás.

Por outro lado, vale notar que, para o leitor analista de discurso, as mesmas dificuldades serviram como pistas do funcionamento discursivo da crônica. Explico.

Ao se começar a ler os jornais em busca das crônicas e seus cronistas, de imediato se observou que as dificuldades anteriormente listadas indicavam uma flutuação do termo crônica no que tange à construção discursiva de um referente. Em outras palavras, o que os jornais da época nos permitiram observar foi, como já exposto, uma multiplicidade de sentidos e de lugares para a palavra *crônica*. Esta aparecia nomeando notícias, eventos culturais, entre outras coisas, mas não nomeava a crônica literária (ou ao menos não servia de título a ela).

Trata-se de uma multiplicidade de sentidos que também comparece nos dicionários. Eis o que se encontra, por exemplo, no verbete “crônica” do dicionário de Francisco Fernandes de 1953: “narração histórica, segundo a ordem dos tempos; noticiário dos jornais; comentários literários e científicos, que preenchem periodicamente uma seção de jornal; (*fig.*) biografia escandalosa”. Aí se tem a menção à literatura, mas, não uma menção à crônica enquanto gênero literário.

No período em questão, o que se observa é, pois, uma tensão na nomeação da crônica literária: esta não é nomeada ostensivamente, mas indicada em outros textos jornalísticos (ou auto-indicada). Vale observar que data deste período o reconhecimento da crônica como gênero literário. (cf. mais adiante em “Um pouco da história da crônica”)

Por ora, importa notar que, em relação aos sentidos de crônica nos jornais dos anos JK, o que se nomeia como crônica ainda não se encontra

na formação discursiva do campo da literatura e sim o que se acha na formação discursiva do território jornalístico.

Continuando a refletir sobre a flutuação do termo crônica, vale notar que esta flutuação corresponde a uma fluidez da materialidade textual do tecido cronístico, isto é, daquilo o que se está entendendo como crônica literária.

É vário o material que se encontra nas crônicas literárias. À guisa de exemplo, na coluna quase diária de Manuel Bandeira, assumido e reverenciado como cronista, acham-se produções como versos, cartas abertas a amigos, resenhas de livros, além de, entre outras coisas, textos que se constroem a partir da vida hodierna ou do acontecimento noticiado. Na coluna de outros cronistas, como em Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, encontram-se também cartas de leitores.

Ou seja, há uma fluidez no tecido cronístico, fluidez que tem vinculações na origem do gênero, e que joga com a flutuação do termo crônica em diferentes textualidades.

Em suma, o que a diversidade do tecido cronístico literário permite observar é a fluidez como marca de um funcionamento discursivo do que à época começa a ser apontado como gênero cronístico.

Vejamos brevemente um pouco do percurso histórico da crônica.

3 Um pouco da história da crônica

“No Brasil, quando um escritor passa algum tempo sem ter o seu nome nos jornais, corre o risco de ser tomado por um autor do século passado, se não esbarra mais longe ainda, no meio dos conterrâneos de Claudio Manoel da Costa ou Gregório de Matos.”

Josué Montello, JB, 17/9/57

9

Em sua crônica intitulada “Retorno de um cronista”

Embora há muito tempo aqueles que praticassem a escritura da crônica literária já refletissem sobre o que seria uma crônica literária, teria sido em 1958, conforme Resende (2001:36), com Portella, no livro *Dimensões* (1959), um dos primeiros reconhecimentos pela crítica literária do material cronístico como gênero literário. Em outras palavras, pode-se situar a partir dessa época um processo de discursivização da crônica como gênero literário.

É oportuno destacar que o início de uma reflexão sobre esse objeto na literatura não vem, contudo, desacompanhada de um fenômeno de publicação de crônicas jornalísticas em livros, conforme se lê em Portella (*idem*:103), nem de uma intensa produção cronística nos jornais tampouco de uma intensa produção jornalística.

São inúmeros os jornais postos em circulação à época (e que desaparecerão na década seguinte, cf. Sodrê, 1999) e a figura do escritor encontra-se aí profundamente marcada. Um dos motivos é que data também deste período o “início da era dos suplementos culturais e literários” (Resende, 2001,b:12), vindo a reboque das revistas também literárias.

São inúmeros, pois, os escritores que escrevem na imprensa; são muitos os cronistas presentes nos jornais.

À guisa de ilustração, no quadro a seguir encontra-se um painel dos cronistas do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*. Neste quadro, estão sendo considerados aqueles que escrevem com regularidade nos jornais listados e não estão sendo consideradas participações eventuais, como é o caso, entre outros, das crônicas esporádicas de Fernando Sabino ou de Ledo Ivo no *Correio da Manhã* 10.

10

É comum nos jornais na ocasião uma circulação entre escritores e jornalistas. É possível serem encontrados cronistas de um jornal escrevendo esporadicamente em outro jornal.

Ou seja, o quadro contempla o escritor ou o jornalista que comparece com frequência em um jornal e que é apontado ou que se assume como cronista ainda que a posição de cronista seja eventual (como é o caso de Odylo Costa Filho, por exemplo) ou ainda que possa ter outra posição discursiva (como é caso de Ferreira Gullar, por exemplo). O quadro não contempla o jornalista que aparece eventualmente em um jornal, caso o fizesse, seria deveras extensa a listagem a ser apresentada.

JORNAIS

Jornal do Brasil

Correio da Manhã

CRONISTAS

Manuel Bandeira, Josué Montello, Ferreira Gullar, Otto Prazeres, Fernando Sabino, Múcio Leão, Benjamim Contallat, José Carlos de Oliveira, Chermont de Brito, Ma. Rita, Mário Pedrosa, Marco Aurélio de Matos, Tristão de Athayde, Odylo Costa Filho

Carlos Drummond de Andrade **11**

11

Otto Maria Carpeaux escreve para o Correio da Manhã, embora nem sempre crônicas. Quando o faz, esporadicamente, esta aparece aos sábados, na página literária e não na página do editorial, o que é uma exceção à época.

12

No jornal O Globo, um cronista importante até 1957 era José Lins do Rêgo. Mas vale registrar que ao jornal O Globo não se tem acesso na Biblioteca Nacional.

Diário de Notícias

Diário da Noite

Diário Carioca

Última Hora

Tribuna da Imprensa

Jornal do Commercio

Rubem Braga, Joel da Silveira, Eneida, Gustavo Corção

Guilherme de Figueiredo, Fernando Lobo

Saldanha Coelho

Stanislaw Ponte Preta

Alberto Deodato, Ledo Ivo

Dinah Silveira de Queiroz

Se há inúmeros cronistas no jornal, a presença do literato nos jornais não é, todavia, nova ao jornal, não vem tampouco desse período, nem se restringe à posição de cronista ou de crítico.

O literato já era figura presente e deveras atuante no jornal brasileiro, inclusive como jornalista. Conforme Sodré (1999), no século XIX, era o literato o responsável pela “forma difícil, empolada” com que era redigido o noticiário (*idem*:283). Forma que desaparece no início do século seguinte com a entrada do tema político, que, segundo este autor, começa a neutralizar a linguagem literária. Em outras palavras, que começa a “limpá-la” dos excessos **13**

O que tal processo permite observar é uma disciplinarização dos saberes e dizeres. Ou melhor, trata-se de uma divisão da escrita que se efetua na prática jornalística: de um lado, um saber/dizer que se neutraliza, que se pretende sem excessos, que trabalha a clareza dos sentidos; de outro, um saber/dizer que permite o acréscimo, os jogos de palavras, a metáfora, os “outros” sentidos. Divisão que irá também instaurar espaços diferentes para os saberes/dizeres.

Portanto, imprensa e literatura se misturavam desde o começo da prática jornalística no Brasil e isto, segundo Sodré, porque os “homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (*ibidem*:292).

No período em que está sendo estudado (governo JK), a presença dos literatos não apenas é bastante forte nos jornais como ganha um espaço:

13

Sobre a mudança da escritura, em Abreu (1996:15) encontra-se: a linguagem tornou-se mais objetiva, a notícia passou a ocupar maior espaço que a opinião.”

14

Em 1957, os concretistas lançaram seu manifesto pela poesia concreta no suplemento literário do *Jornal do Brasil*.

15

Há um debate entre Nelson Werneck Sobré e Silviano Santiago (Abreu, 1996:20) sobre o destaque dado à literatura com a criação dos suplementos. Embora não seja o caso aqui tratar desta polêmica, registra-se. Para Sodré, a criação destes suplementos indicaria que a arte e a literatura não eram consideradas como algo importante, e sim como algo a ser lido e pensado em períodos de ócio (os suplementos saíam aos sábados ou domingos e não diariamente, Sodré argumenta). Para Santiago, a criação de um suplemento literatura já é um indicador da importância que o material literário começava a possuir à época. Para acirrar esta discussão, Abreu (1996) lembra que o cientista estava ausente dos suplementos.(cf. Abreu:1996)

os suplementos literários. Importa destacar que a criação dos suplementos literários irá possibilitar a instituição de um lugar específico, e de destaque, para o literato. À guisa de comentário sobre a importância dos suplementos literários à época, basta lembrar que eles foram palco de manifestos concretistas **14** e de debates sobre a construção de Brasília.

No entanto, trata-se de lugar “fora” do jornal, isto é, o suplemento literário consiste em um caderno a mais, um anexo ao jornal **15**. Nesse suplemento encontram-se contos, novelas, poesias, crítica literária, por exemplo. Mas não a crônica. Esta só eventualmente (e experiencialmente) aparece no suplemento literário. Não é o seu lugar. Seu espaço no jornal é no primeiro caderno; sobretudo na página do editorial.

Ainda uma observação sobre os suplementos literários e a crônica. Foi dito que os suplementos constituíram um importante espaço de debate entre intelectuais, foi dito também que a crônica só eventualmente aí comparecia. No entanto, importa lembrar que o suplemento literário do *Jornal do Brasil*, conhecido como SDJB, criado em 1956, contou com um cronista, José Carlos de Oliveira. Por ter sido um caso que não se observou em outros jornais, e por não ter a crônica saído da página do editorial, tampouco os cronistas que lá se encontravam mudaram seu espaço para os suplementos, estou considerando não ter sido o suplemento o espaço da crônica.

Portanto, o que se tem na imprensa dos anos JK é a instauração de um espaço para a literatura com a elaboração de um outro caderno: os suplementos literários. A crônica, ainda que alguns suplementos literários de alguns jornais venham a contemplá-la, não perde seu espaço no corpo do jornal e ao lado do editorial. Ela aí permanece; não é transferida para este outro espaço que surge.

Isto posto, resta dizer que a crônica percorreu uma travessia interessante: de *rodapé* no século XIX para figurar ao lado do editorial e das colunas dos articulistas; de herdeira do espaço do folhetim a destaque no alto de uma página em que o jornal expõe sua posição. Expliquemos.

A crônica jornalística brasileira começa a ser engendrada ainda no século XIX, ou mais especificamente, por volta de 1854. Cândido (1992), em seu conhecido artigo “A vida ao rés do chão”, nos fala de seus primórdios: originária do folhetim, ocupando um espaço ao pé da página, uma seção do jornal *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, denominada “Ao correr da pena”, assinada por um importante escritor brasileiro, José de Alencar, começa a dar forma ao que vai ser apontado como um novo gênero. Dito de outra maneira, a partir daquela seção, do que vai se dizer dela e das outras que a seguem, inicia-se um processo de leitura/escritura do que virá a ser significado como crônica brasileira.

Portanto, o espaço dedicado à crônica era o do folhetim que figurava no *rodapé* do jornal. E, vale lembrar, tratava-se de um espaço, conforme Resende (2001), destinado a mundaneidades ou eventos culturais. Com o tempo foi configurando uma outra forma de dizer.

Em suma, a crônica, difícil de ser caracterizada, até porque polimórfica, como o espaço a ela destinado, vai tendo suas marcas fixadas a partir da forma como se a escreve em confronto com o que seriam as marcas do local onde se instala: o jornal. Melhor explicando, a crônica vai sendo definida em oposição a algumas das ilusões características do discurso jornalístico. Mas isto é assunto de outro trabalho.

- ABREU, A.A. "Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa". In: Abreu, A. [et al.] (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. RJ: ed. da FGV 1996.
- CANDIDO, A. "A vida ao rés do chão". In CANDIDO, A. [et al.] (1992)- *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: ed. Unicamp, e DJ: ed. Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- FERNANDES, F. - *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*. RJ, SP e Porto Alegre: Ed. Globo, 1953.
- FOUCAULT, M. - "O que é um autor?" Portugal: Ed. Passagens, 1997.
- _____ - *A ordem do discurso*. SP: Ed. Loyola, 1998.
- MARIANI, B. - *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais, 1922-1989*. RJ: ed. Revan, e Campinas: ed da Unicamp, 1998.
- NEVES, M. N. "Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas". In: CANDIDO, A. [et al.] (1992)- *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: ed. Unicamp, e DJ: ed. Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- ORLANDI, E. - *Discurso e texto*, SP: ed. Pontes, 2001.
- _____ - *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____ - *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: ed. Cortez e ed. da Universidade de Campinas, 1990.
- _____ - *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 1988.
- _____ - "A produção da leitura e suas condições". In: ORLANDI, E. (1987) *Linguagem e seu funcionamento*, 2ª. edição, Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, M. - "Delimitações, Inversões, Deslocamentos" In *Cadernos de Estudos Lingüísticos* no. 19. Campinas: Unicamp, 1990.
- _____ - "Ler o arquivo hoje". In ORLANDI, E. (org.) *Gestos de Leitura*. Campinas: ed. Unicamp, 1997.
- PORTELLA, E. "A cidade e a letra" In: *Dimensões, vol 1. RJ: Ed. Agir, 1959*.
- RESENDE, B. - "Rio de Janeiro, cidade da crônica". IN: *Cronistas do Rio. RJ: José Olympio, 2001*.
- _____ - "O Rio de Janeiro e a Crônica". IN: *Cronistas do Rio. RJ: José Olympio, 2001b*.
- SODRÉ, N. W. - *História da Imprensa no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira 1999.